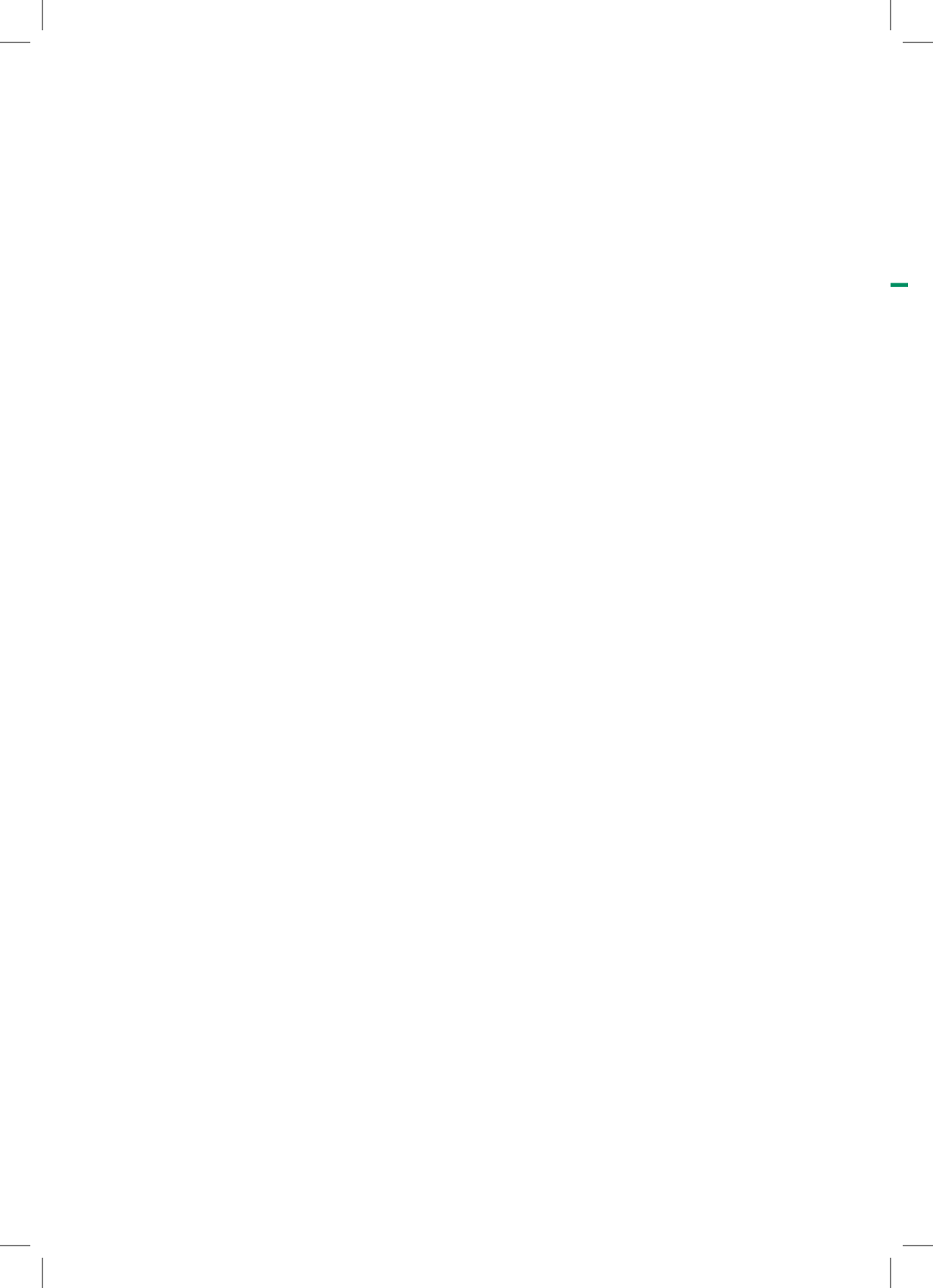




**Agroecologia camponesa  
alcança justiça climática**



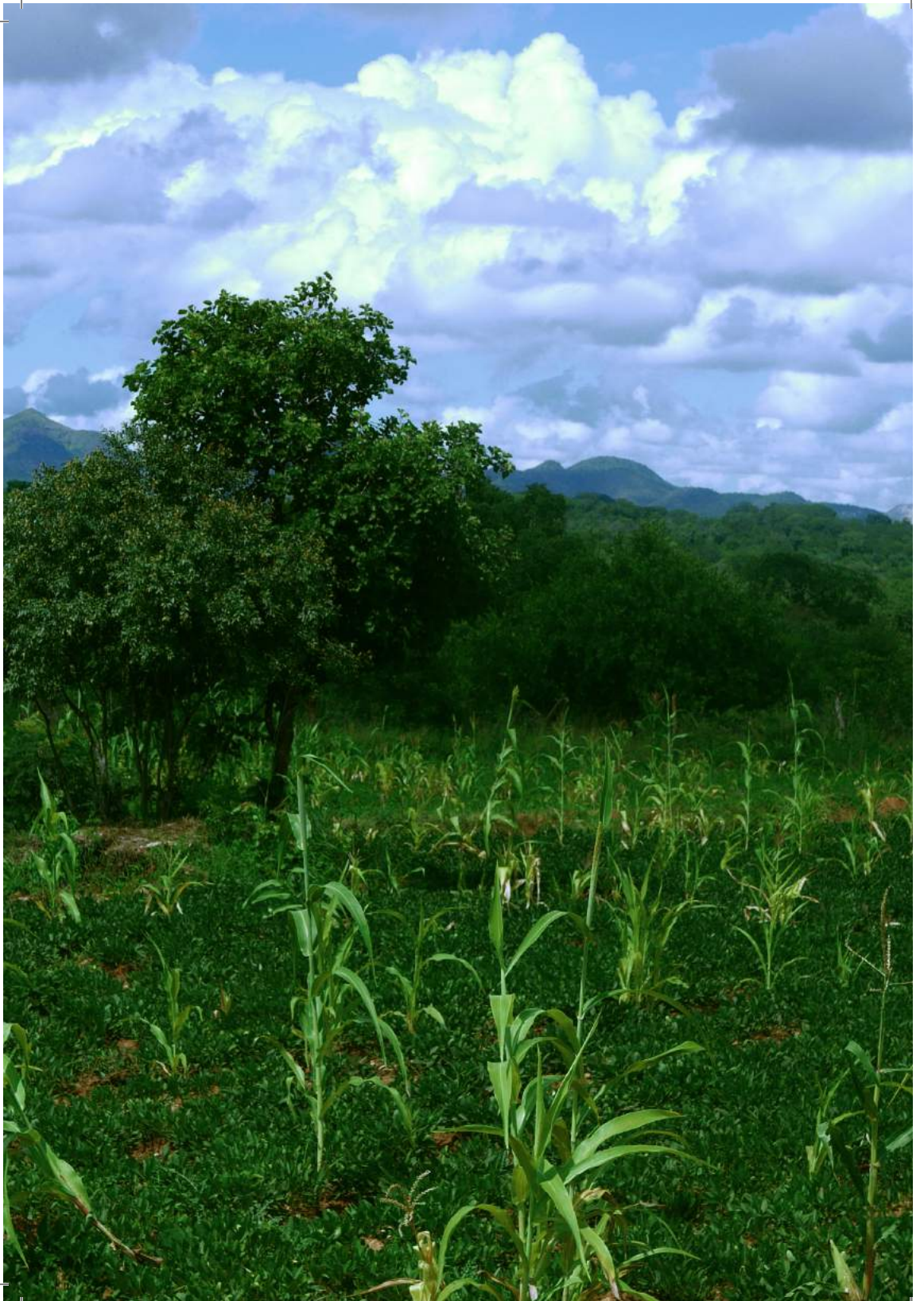



---

# Agroecologia camponesa alcança justiça climática

---

*Esta cartilha é desenvolvida como parte do projeto Construindo a Advocacia da Justiça Climática com agricultores de Pequena-Escala na África Austral e Oriental desenvolvidos e implementados em parceria entre Afrika Kontakt e La Via Campesina na África Austral e Oriental (LVC-SEF), com contributos dos aliados.*





*Tanto a Via Campesina quanto o Afrika Kontakt concordam que estamos longe de resolver a crise climática. A parte fundamental do problema não foi abordada: que é o nosso sistema socioeconômico global que está causando a mudança climática. Portanto, devemos exigir que o sistema seja alterado. Mais do que isso, precisamos desempenhar o nosso papel na criação de estratégias alternativas para uma mudança real. Durante a COP21 em Paris, ativistas do clima pediram justiça sob os gritos de mudança do sistema, não de mudança climática. Muitos desses ativistas vêm das batalhas da linha de frente da mudança climática. Para eles, a mudança climática é real e acontece diariamente. Para eles, não há mais tempo para esperar que os políticos entrem em ação. Em vez disso, eles estão realizando ações por meio de práticas que permanecem ignoradas por muitos políticos e formuladores de políticas ou são ativamente minadas pelo sistema.*

*O objetivo desta cartilha é mostrar os impactos que os camponeses de pequena escala enfrentam com a mudança climática, mas também as soluções que estão usando para lidar com as mudanças climáticas. Esta cartilha baseia-se no conhecimento das comunidades camponesas de Uganda, Tanzânia, Zimbábue, D.R. Congo, Quênia e Moçambique. Devido à forte conexão de suas comunidades com a natureza e dependência da natureza e seus recursos naturais, eles são alguns dos mais vulneráveis do mundo aos impactos da mudança climática. Mas sua estreita conexão também permitiu que um grande corpus de conhecimento fosse transmitido através das gerações e que pudesse oferecer soluções muito necessárias para a crise climática. O estado actual das negociações internacionais alinhadas com as projeções calamitosas para o clima futuro exigem uma ação urgente. Agora sabemos com certeza que o sistema que causou a mudança climática não será o sistema para resolvê-lo. Em vez disso, precisamos abrir nossos olhos para as muitas soluções que já estão acontecendo e precisamos ampliá-las. Isso implica uma mudança no sistema global.*

# Glossary

**Alterações Climáticas:** As mudanças de longo prazo no clima da Terra causadas pela atividade humana geralmente levam a temperaturas médias globais mais quentes e a padrões climáticos cada vez mais imprevisíveis.

**Corporações:** Refere-se a organizações que procuram maximizar seus lucros em termos de dinheiro (ou substitutos), geralmente vendendo um produto sem levar em conta as consequências de sua busca de lucro na natureza e nas pessoas. No contexto desta cartilha refere-se principalmente a corporações transnacionais (CTNs).

**Extrativismo:** É um modo de produção e uma maneira de pensar sobre a Mãe Terra, não como um organismo vivo, mas um mero (embora valioso) recurso a ser dominado e explorado para o lucro. Sua história é marcada por violações grosseiras dos direitos humanos das comunidades locais e dos países como um todo, e é a causa principal da degradação dos ecossistemas e da natureza em geral, porque estes são vistos como menos importantes do que o valor que eles podem fazer para o capital privado (e público) no mercado.

**Patriarcado:** Um sistema que oprime, explora e mercantiliza as mulheres (seus corpos, vidas e sexualidade) e o trabalho das mulheres (formal e informal, excesso de trabalho, bem como o tipo de trabalho e condições de trabalho); e priva-as do acesso a bens comuns (recursos, água, terra, proteção ambiental e soberania alimentar). O patriarcado também está enraizado em muitas tradições e normas, que são frequentemente usadas para manter essa hierarquia e poder.

**Soluções Falsas:** Programas e políticas promovidas por empresas, agornegócios e governos como soluções para a mudança climática. No entanto, essas soluções usam as mesmas práticas e lógica capitalista que causaram a mudança climática em primeiro lugar. Estes incluem mercantilização, extrativismo, OGMs e agricultura intensiva de gases de efeito estufa, entre outros. Tais soluções promovidas pelas elites corporativas são baseadas no mercado, no comércio e, conseqüentemente, na exploração.

**Gases de efeito estufa (GEE)/ Emissões:** O principal impulsionador da mudança climática são os gases emitidos para a atmosfera através da queima de combustíveis fósseis na indústria e transporte, degradação do solo e mudanças no uso da terra que alteram a atmosfera para reter mais calor e mudar o clima.

**OGM:** Um Organismo Geneticamente Modificado (OGM), é um organismo no qual o material genético foi alterado para dar-lhe uma característica desejada. Na agricultura, isso é usado principalmente para dar resistência às plantas a pesticidas e herbicidas. As leis internacionais de propriedade intelectual permitem que as empresas possuam o material genético da planta como propriedade intelectual e controlem o fornecimento dessa semente.

**Agronegócio:** Um tipo de companhia que produz alimentos ou produtos agrícolas (agrocombustíveis, têxteis, etc.) para fins lucrativos principalmente voltados para os mercados internacionais. No contexto desta cartilha, nos referimos àqueles cujos produtos são produzidos principalmente através do uso de agricultura industrial moderna e mecanizada em grandes plantações com alta dependência de fertilizantes sintéticos e pesticidas e são processados industrialmente e distribuídos globalmente.

**Mercantilização:** A mercantilização é a transformação de bens, serviços, ideias e até pessoas em objectos de comércio (para comprar e vender) chamados “commodities”. Muitas soluções falsas atuais são baseadas na mercantilização de nossos bens comuns, como água, florestas e ar.

**Soberania Alimentar:** Uma concepção de um sistema alimentar que respeite os direitos dos produtores de alimentos de produzir e comercializar alimentos culturalmente adequados, bem como o direito dos consumidores de decidir o que consomem e como e por quem é produzido. Ela nega a influência das empresas que buscam lucrar com a produção de alimentos. A Soberania Alimentar é sobre a mudança sistêmica - sobre os seres humanos terem controle direto e democrático sobre os elementos mais importantes de sua sociedade - como nos alimentamos e nos alimentamos, como usamos e mantemos a terra, a água e outros recursos naturais ao nosso redor para o benefício de gerações atuais e futuras e como interagimos com outros grupos, povos e culturas.

## Os Impactos das Mudanças Climáticas são reais

O termo mudança climática refere-se a mudanças de longo prazo no clima da Terra, notório no final do século XX. Ela é causada pelo aumento das emissões de gases de efeito estufa bem como pela degradação da natureza, que reduz sua capacidade de capturar essas emissões da atmosfera. Isso causa mudanças no clima da Terra que afetam negativamente os ciclos climáticos, como os padrões de chuva, e causam desastres naturais extremos mais frequentes, como inundações devastadoras, tempestades tropicais e secas.

8

A mudança climática já está causando mudanças destrutivas. Ao passo que as consequências das mudanças climáticas afetem a todos, independentemente das fronteiras e de outros limites construídos, aqueles que são responsáveis pela mudanças climáticas não são os únicos a suportar fardo que delas advem. De fato, elas estão afetando e afetarão desproporcionalmente as pessoas que não criaram a crise. Embora a discussão sobre as mudanças climáticas a nível global geralmente gira em torno de previsões sobre as consequências futuras e a ameaça percebida de crescente migração, os efeitos já são uma experiência vivida de pessoas, em particular as populações rurais do chamado Sul Global. As populações mais vulneráveis e marginalizados do mundo: camponeses, mulheres rurais, povos sem terra e comunidades indígenas sentem os impactos das mudanças climáticas todos os dias. Mudanças nos padrões de precipitação, ondas de calor, aumento do risco de inundações e períodos de seca intensificados e prolongados afetaram mais aqueles cujas vidas são diretamente dependentes da terra e foram constatadas em todas as comunidades afetadas visitadas por esta cartilha.

A região subsaariana, em particular, é susceptível aos efeitos das mudanças climáticas, onde anos consecutivos de declínio das



chuvas de verão e padrões climáticos variáveis e imprevisíveis causaram escassez generalizada de alimentos e água. As Nações Unidas declararam múltiplas fomes nos últimos anos em países como Somália, Sudão, Burundi e Etiópia, enquanto as inundações causadas por chuvas extremas custaram muitas vidas e deslocaram milhares de pessoas em Moçambique, no Malawi e no Zimbabué. Além disso, modelos climáticos recentes e pesquisas sugerem que as temperaturas na África Austral aumentam uma vez e meia mais rapidamente que a média global nos próximos anos, pintando um quadro sombrio do futuro para a região se não for tomada nenhuma ação global real para inverter as actuais tendências.

A industrialização global impulsionada pelo lucro em geral é o principal contribuinte para as mudanças climáticas. Este actual sistema globalizado de produção e consumo é totalmente dependente do uso de combustíveis fósseis, uma espécie de energia que libera gases de efeito estufa na atmosfera, causando e agravando a crise climática. O modelo de desenvolvimento neoliberal

9



dominante, com seus objetivos centrais de lucro econômico, crescimento ilimitado e expansão de mercados, é o principal culpado das mudanças climáticas.

Cada vez mais, pessoas estão vivendo os terríveis efeitos das mudanças climáticas. Enquanto isso, os causadores delas permanecem em posições de poder e influência. A elite corporativa refinou sua influência na formulação de políticas globais, impulsionando efetivamente sua própria agenda em estruturas legislativas nacionais e globais sobre mudanças climáticas, bloqueando qualquer ação progressista para interromper seriamente o aumento da temperatura no planeta.

## Porque precisamos de Justiça Climática?

10 A verdadeira Justiça Climática exige que a luta contra as mudanças climáticas se torne muito mais do que apenas um esforço técnico e científico. A mudança climática é um resultado, bem como um sintoma da disfunção do sistema atual e conseqüentemente, só pode ser verdadeiramente resolvido pela mudança do sistema. Justiça Climática é uma luta para transformar o sistema econômico global e para a justa redistribuição de recursos. É uma luta contra as estruturas de poder que dão autoridade a uma elite corporativa que, apesar de ter causado a crise climática, também recebe o mandato para resolvê-la.

O sistema industrial de alimentos é um dos principais impulsionadores das mudanças climáticas. Ele é dominado por elites corporativas comumente chamadas de agronegócio, um grupo de corporações que procura controlar a terra, as sementes e todo o sistema alimentar. Ele obtém enormes lucros com a desapropriação de camponeses e um modelo de agricultura que destrói as florestas e é altamente intensivo em energia. Ele usam seu poder para

influenciar políticas a nível nacional e global, incluindo políticas que supostamente tratam das mudanças climáticas; como corolário temos as soluções falsas como “Agricultura Inteligente Climática (AIC)”, “Redução da Degradação e Destruição Florestal (REDD / REDD+)”, “Carbono Azul”, etc.

O poder deve ser devolvido aos camponeses que fazem o trabalho e têm o conhecimento para alimentar o mundo. As soluções do agronegócio, baseadas na ideia de crescimento econômico constante, ignorando as consequências, não resolverão o problema. Em vez disso, servirá apenas para proteger os interesses da elite corporativa em vez de das pessoas. O mundo precisa de transformações estruturais em que nos afastemos dos impulsores econômicos para nossas justificativas e transformamos o sistema alimentar para proteger o meio ambiente e alimentar as comunidades.

### *Quadro 1: A Elite Empresarial*

**“A elite corporativa” refere-se àquelas corporações que concentraram grandes quantidades de riqueza através do controle de grandes partes dos principais mercados globais, como sementes e fertilizantes patenteados. Seu objetivo principal é crescer e aumentar suas posses econômicas. Portanto, quaisquer preocupações em relação a impactos na sociedade ou na natureza são secundárias a isto. Com mais riqueza, mais influência tem sobre a tomada de decisão política, já que corporações que adquiriram grandes quantidades de riqueza a nível global têm influência significativa sobre a tomada de decisão global; Ex: - na Conferência das Partes COP<sup>1</sup>, G8 (20<sup>2</sup>), UE<sup>3</sup> e SADC<sup>4</sup>. Eles usam essa influência para fazer políticas que beneficiam seus motivos, não os da sociedade em geral.**

**Eles são capazes de fazer isso apesar de não terem sido democraticamente eleitos para ocupar essa posição e, portanto, não são responsáveis por ninguém além de seus próprios acionistas. Corporações como Monsanto, Agrium, Bayer, Yara, Cargill, Mosaic, ChemChina e DowDupont, para citar algumas dentro do setor de agronegócios, controlam grandes ações do mercado de agronegócios e usam essa posição para maximizar seus lucros - muitas vezes às custas do clima e pequenos agricultores.**

**Embora as elites corporativas, com suas ações imprudentes, falta de responsabilidade e impunidade, sejam um dos principais propulsores da mudança climática, essas corporações não são as que pagam o preço por isso. Apesar disso, elas são convidadas para a mesa de tomada de decisões e para coescrever a mesma legislação que deveria regular sua conduta. Enquanto isso, camponeses (bem como trabalhadores agrícolas, povos sem terra, pastores e pescadores), bem como consumidores, são expulsos de seus territórios ou são influenciados (muitas vezes com força) a trabalhar e seguir um modelo de produção e consumo industrial, ficam mais susceptíveis aos impactos das mudanças climáticas e não são convidados para os espaços de tomada de decisão.**

Uma grande parte da conquista da Justiça Climática é abordar as desigualdades no sistema alimentar. Nesse movimento, a agroecologia camponesa é identificada como modelo para o sistema alimentar, construído em solidariedade com e entre as comunidades afetadas cujas vozes foram silenciadas na luta contra as mudanças

<sup>1</sup> Conference of Parties

<sup>2</sup> Group of Eight/Twenty

<sup>3</sup> European Union

<sup>4</sup> Southern Africa Development Community

climáticas por aqueles que estão no poder e com as mulheres que fazem o trabalho de alimentar suas comunidades enquanto os homens buscam empreendimentos lucrativos. Essas mulheres e homens camponeses estão na linha de frente da crise climática e desenvolvem soluções todos os dias. Vasto corpus de pesquisas independentes demonstram que suas soluções podem ajudar a mitigar e adaptar-se aos impactos das mudanças climáticas<sup>5,6</sup>, enquanto sustenta e melhora a resiliência das comunidades a elas. Precisamos de uma transformação do sistema alimentar, onde o poder, os recursos e a responsabilidade sejam redistribuídos das elites para os produtores e consumidores, que são os que mais podem contribuir para resolver a crise climática.

## Soluções Falsas

As chamadas soluções actuais sendo promovidas pelas elites corporativas para lidar com as mudanças climáticas são, muitas vezes, elas mesmas impulsionadoras do abuso dos direitos das pessoas. Enquanto a COP e órgãos como o Comitê da ONU sobre Segurança Alimentar (CFS), Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Rio + 20 (UNCSD), o Banco Mundial e outros estão aparentemente começando a entender a relação entre o aumento das emissões de gases de efeito estufa e a agricultura industrializada, as suas respostas à crise climática ainda persistem com um forte eco dos erros da Revolução Verde (ver Quadro 3).

Soluções falsas, como o Agricultura Climática Inteligente, usam frases tiradas da Agroecologia Camponesa, mas dentro de um modelo de agricultura industrial<sup>7,8</sup>. Eles incluem práticas como a monocultura de plantio direto e sementes híbridas. Ao adoptar

<sup>5</sup> IFAD, 2011: *Smallholders can feed the world*. <https://bit.ly/2fFO4DQ>

<sup>6</sup> IFAD, 2013: *Smallholders, food security and the environment*. <https://bit.ly/2lJ0Ko3>

alguma linguagem da Agroecologia Camponesa, em nenhuma parte dessas propostas estão as questões fundamentais do direito à alimentação local e nutritiva, à subsistência digna, à terra e à autodeterminação abordada, nomeadamente, os fundamentos da Agroecologia Camponesa.

Na agenda da Agricultura Climática Inteligente, a mesma premissa central da solução de problemas sociais e políticos complexos, trazendo as chamadas soluções técnicas para camponeses “subdesenvolvidos” e “sem instrução”, prevalece a partir da Revolução Verde. Dessa forma, a riqueza daqueles que se beneficiam dessas soluções, ou seja, das grandes empresas do agronegócio, é preservada. Esta é apenas mais uma Revolução Verde em uma nova embalagem. Eles dizem “clima inteligente”, mas *inteligente* para quem?

14

Na mesma linha, os processos da COP<sup>9</sup> endossaram várias soluções falsas que preservam a estrutura do mercado intacta e produzem vários esquemas e mecanismos financeiros, como CDM, REDD, Carbono Azul, e a captura e armazenamento de carbono de bioenergia (BECCS). Há muitas distrações perigosas sendo exibidas por aqueles com poder. Os tratados não vinculantes e as exclusões dos principais sectores econômicos das obrigações evitam comodamente abordar as causas profundas da mudança climática, ou seja, a elite corporativa e o actual sistema econômico. Eles afirmam que suas soluções falsas podem impedir o aumento das emissões de gases de efeito estufa. Mas, na realidade, esses mecanismos não fornecem soluções reais para os problemas em questão; pelo contrário, eles aceleram a mercantilização da natureza enquanto promovem as falsas alegações de que a privatização

<sup>7</sup> Food First, 2014: *UN-masking Climate Smart Agriculture*  
<https://foodfirst.org/press-releases/un-masking-climate-smart-agriculture/>

<sup>8</sup> JPS, 2017: *Climate Smart Agriculture: What is it good for?*  
<http://tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03066150.2017.1312355>

<sup>9</sup> Conference of Parties

e as tecnologias da agricultura industrial são os únicos meios para combater a mudança climática. A Justiça Climática não será abordada superficialmente, deve ser tomada a partir da base.

## Agroecologia Camponesa

A agroecologia camponesa é um modo de vida que trata a Terra com respeito e cuidado, não como um recurso a ser explorado. É um modo de vida que compreende que o relacionamento íntimo que os humanos têm com sua ecologia local não pode ser reduzido a um único valor em dinheiro, e que entende que isso leva a consequências desastrosas para as pessoas e o planeta. Sua cultura é construída na base da troca de sementes, a troca de conhecimentos, o plantio de variedades de culturas e a reciclagem de nutrientes para manter a saúde e a vitalidade do solo. Este é o modo de vida dos camponeses e não pode ser trocado por dinheiro. É através desse modo de vida, e compartilhando conhecimento e experiência com outros camponeses, que novos conhecimentos para cultivo de alimentos em um clima em mudança são criados e que a Agroecologia Camponesa é construída. *A comida deve ser cultivada para as pessoas, não para o lucro.*

Os camponeses que praticam a agroecologia resistem e se recuperam mais rapidamente de eventos climáticos extremos, como secas e enchentes. Os agricultores garantem uma dieta saudável e variada para si e suas famílias usando o conhecimento indígena, sementes tradicionais e plantando diferentes variedades de culturas. Ao plantar uma variedade de culturas com pequenos grãos que podem ser armazenados por anos, como sorgo e milho-miúdo (milheto), eles são mais resistentes a secas futuras. Os camponeses cuidam do solo; em vez de destruir a ecologia local para grandes plantações comerciais, elas preservam gramíneas e árvores que podem economizar água como forma de conservar a biodiversidade. Ao usar adubo que pode ser retirado e processado na fazenda, os camponeses mantêm os nutrientes e os reciclam.



16

Ademais, produzindo localmente para o consumo local e não para os mercados globais, eles usam muito menos energia, emitem menos gases de efeito estufa (através do transporte e embalagem de alimentos para os supermercados) e são, portanto, essenciais na luta contra a mudança climática. Os alimentos para exportação removem nutrientes da ecologia local que precisam ser repostos de outras maneiras, ou seja, usando fertilizantes químicos e pesticidas que danificam o solo e prendem os agricultores a comprar mais produtos químicos das empresas do agronegócio. É assim que as grandes corporações do agronegócio, ao fazerem parte do sistema alimentar do mercado global, criam uma demanda por seus fertilizantes e fazem com que os camponeses tenham que pagar para continuar a cultivar. Mas os camponeses precisam cultivar um ciclo saudável de nutrientes em suas fazendas, não em um ciclo de dependência.

A Agroecologia Camponesa não se opõe às novas tecnologias. De fato, a abordagem agro-ecológica é baseada na ciência e fornece uma plataforma única para o desenvolvimento e integração de



tecnologias que são benéficas. Mas opõe-se a qualquer tipo de tecnologia que seja usada pelas elites corporativas para ganhar o controlo dos sistemas alimentares, e que invada ou erode os direitos dos produtores e consumidores de alimentos em nome da expansão de seus lucros. Se estas tecnologias contribuírem para soberania dos camponeses sobre sua produção, seus territórios, sua cultura e suas vidas, e se eles podem contribuir para a justiça climática, podem contribuir do mesmo modo para o modo de vida camponês.

A Agroecologia Camponesa e o conhecimento sobre o qual ela é construída é um sistema de estreita colaboração com a comunidade e intensa conexão com a terra e a ecologia local. Já está produzindo resultados na luta contra as mudanças climáticas. No entanto, este progresso é obstruído a cada passo pelo sistema actual que demanda lucro com a produção de alimentos.

### *Quadro 2: Ciclo de dependência*

**O agronegócio corporativo tem o poder de convencer governos e comunidades camponesas a investir em seus produtos, como fertilizantes, pesticidas e sementes melhoradas. Eles vendem isso como a solução para cultivar mais e mais culturas de alta qualidade.**

**Estas são soluções falsas. Quando as comunidades camponesas compram essas soluções falsas elas se tornam dependentes do agronegócio corporativo, presas no processo de erosão progressiva do conhecimento local e tradicional sobre como sustentar seu solo, preservar o ecossistema e produzir suas próprias sementes, para mencionar algumas. Desta forma, essas corporações exacerbam a dependência do camponês e, portanto, garantem lucros a partir dos camponeses tornando-os vulneráveis.**

Uma vez presos neste ciclo, as comunidades correm o risco de perder seu conhecimento indígena de cultivo de alimentos de maneira sustentável e resiliente. Isso dificulta bastante a capacidade dos produtores camponeses de usar práticas que constroem vida no sistema e resfriam a Terra.



18

**Essa dependência é criada e mantida por vários mecanismos:**

*As sementes corporativas não são viáveis para a estação seguinte, o que significa que os produtores são obrigados a comprar sementes todos os anos. O uso dessas sementes irá prender o agricultor em um relacionamento de dependência com o agronegócio corporativo.*

*A dependência em fertilizantes sintéticos degrada a capacidade do ecossistema do solo de se sustentar e gerar nutrientes. Depois de algumas estações, o solo está praticamente morto, e os agricultores não conseguirão cultivar nenhuma cultura sem a dependência ainda maior e o uso de insumos sintéticos.*

*Existem programas que incentivam os produtores a assumir dívidas para obter esses produtos corporativos. No fim, estes deixam os camponeses endividados, com sistemas de produção degradados, e quando as estações não se comportam como o esperado (devido às mudanças climáticas), os camponeses ficam com baixos rendimentos e uma dívida que eles não podem pagar.*

**A Agroecologia Camponesa é uma ferramenta valiosa, capaz de quebrar esses ciclos de dependência, restaurando os solos degradados, protegendo e melhorando a soberania alimentar das comunidades camponesas, assegurando o acesso aos territórios necessários à produção de alimentos e à vida comunitária em geral.**

## **Agronegócio: Criando e explorando as crises**

Recuperar a agricultura do mercado global e as corporações que a dominam é a chave para combater as mudanças climáticas globais. As práticas de energia intensiva na agricultura industrial, baseadas nas tecnologias da Revolução Verde, contribuem significativamente para as emissões de gases de efeito estufa, que são o principal motor da mudança climática. O próximo maior contribuinte para a crise é a mudança no uso da terra. Ela destrói ambientes bio diversos para levar a cabo o plantio de grandes monoculturas, o que reduz ainda mais a capacidade da Terra de capturar carbono da atmosfera. Com isso em mente, precisamos abordar o problema da mercantilização da agricultura.

### *Quadro 3: Tecnologias de Revolução Verde. Um monte de problemas*

A Revolução Verde é o nome dado a um modelo extractivista baseado em tecnologias e práticas de agricultura industrial. As tecnologias exigem altos insumos energéticos e tentam maximizar a produtividade agrícola. Eles incluem máquinas agrícolas pesadas, fertilizantes químicos e culturas geneticamente modificadas, entre outros.

As pessoas são substituídas por maquinaria agrícola pesada. Isso requer menos trabalho, mas grandes quantidades de energia de combustível fóssil, levando ao aumento das emissões de CO<sub>2</sub>. O uso de fertilizantes químicos libera o gás de efeito estufa (N<sub>2</sub>O) na atmosfera mas também danifica o solo, tornando os camponeses dependentes da compra de mais fertilizantes químicos a cada ano. Essas tecnologias são adequadas para grandes plantações de monoculturas que exigem grandes quantidades de terra, muitas vezes resultando na destruição de florestas, o que leva a mais emissões de CO<sub>2</sub>.

Essas mudanças trazidas pela revolução industrial representam uma mudança mais fundamental que ocorre na mudança da agricultura tradicional para a industrial. Estes sistemas modernos usam muito mais energia para produzir alimentos do que a Agroecologia Camponesa. Na verdade, este modo de cultivo é praticamente impossível sem acesso a energia de combustível fóssil barata e fácil de usar. Esta confiança é fundamental. É por isso que as tentativas de reforma do sistema (por meio de soluções falsas) nunca serão capazes de reduzir as emissões necessárias para deter as mudanças climáticas.

Organismos Geneticamente Modificados (OGM), assim como as sementes híbridas são outras tecnologias da Revolução Verde apresentadas como um meio de lidar com as mudanças climáticas e alimentar o mundo, mas na verdade prejudicam

**os camponeses e seu modo de vida. Essas sementes são de propriedade de grandes corporações agrícolas como a Monsanto, Bayer, DowDuPont ou ChemChina; corporações que usam seu enorme poder financeiro e político para convencer os governos a adotar leis que criminalizam as práticas camponesas tradicionais, como a troca de sementes e a economia de sementes. Desta forma, eles forçam os agricultores a comprar as sementes modificadas juntamente com os fertilizantes e pesticidas que foram criados para funcionarem apenas com as sementes. Os programas governamentais incentivam os camponeses a contraírem dívidas para que possam comprar esses produtos químicos degradadores do solo e sementes geneticamente modificadas<sup>10</sup>.**

**Alguns regulamentos de sementes já têm efeitos danosos para os agricultores na África do Sul<sup>11</sup>, prendendo-os em um ciclo de dependência, danificando os solos e garantindo um mercado para sementes corporativas<sup>12</sup>. Em outros países como Uganda e Tanzânia estes regulamentos acabam de configurar-se em lei<sup>13</sup>. Essas leis são frequentemente necessárias para receber programas de ajuda de países onde essas práticas industriais dominam.**

**Estas tecnologias são usadas para enriquecer as elites corporativas e agravar os efeitos das mudanças climáticas com o aumento das emissões de gases de efeito estufa, prejudicando ainda mais os camponeses na luta pela Justiça Climática.**

<sup>10</sup> Grain 2015: *Land and Seed Laws Under Attack: Who is Pushing Changes in Africa?* <https://bit.ly/2GpQhkG>

<sup>11</sup> African Center for Biodiversity 2017: *Seed Capture in South Africa: A Threat to Seed Freedom, But Seed Movements Fight Back.* <https://bit.ly/2InvlY9>

<sup>12</sup> African Center for Biodiversity 2017: *Harmonised Corporate Seed Laws in Africa: Where does this leave smallhold farmers?* <https://bit.ly/2q1IQ8q>

Enquanto o mundo está em crise, essas corporações veem uma oportunidade para lucros massivos. Expectantes num aumento constante na demanda global por alimentos nas próximas décadas, o agronegócio está se movendo para monopolizar o mercado global e criar uma cultura global de extrativismo usando os métodos prejudiciais da agricultura industrializada. Os mesmos governos que se reúnem para fornecer soluções falsas para a crise climática sob a Conferência das Partes (COP), se reúnem para planejar mudanças nas leis dos países africanos em benefício dessas corporações. Essas leis incluem a criminalização de modos tradicionais de vida camponesa, incluindo práticas como salvar e compartilhar sementes. Sob a Nova Aliança para a Segurança Alimentar e Nutricional, dez países africanos, incluindo Moçambique, teriam que mudar as suas leis de sementes desta forma, a fim de receber financiamento dos doadores do G8 (agora o G20<sup>14</sup>). Muitas vezes, esses tipos de políticas que priorizam os lucros corporativos sobre as pessoas e o planeta estão vinculados a acordos de comércio internacional. As corporações poderosas que controlam essas tecnologias agrícolas industriais convencem os governos a dar-lhes o apoio legal e financeiro para impor essas tecnologias aos camponeses de todo o mundo.

Essa disseminação do modelo de agricultura industrial ameaça diretamente a Agroecologia Camponesa na luta pela Justiça Climática. O Agronegócio afirma que somente eles podem resolver as mudanças climáticas e as crises alimentares com esse modelo destrutivo. Mas essas são as mesmas práticas que causaram essas crises, e elas continuam a prejudicar os camponeses, aprisionando-as em dívidas e comprando sementes, fertilizantes e pesticidas que são de propriedade e controlados por essas corporações gigantescas. Essas são as mesmas práticas que lhes permitem aumentar seu poder no sistema alimentar global, justificando a usurpação de terras e a supressão do conhecimento indígena.

<sup>14</sup> Group of Twenty

A chave para as reivindicações do agronegócio é baseada na remoção de questões de injustiça da nossa compreensão da mudança climática. Em outras palavras, alegando que as soluções para a crise climática são técnicas (as da revolução verde) e não políticas (as exigidas na Justiça Climática). Dessa forma, ao vender os produtos que possuem como soluções para a crise das mudanças climáticas, eles convencem os governos a promover práticas de agricultura industrial para pequenos agricultores. Ao trazer pequenos agricultores para esta agricultura comercial global, eles estão encurralando-os em um sistema onde o agronegócio controla os produtos necessários para a produção de alimentos. Isso significa suprimir e eliminar o conhecimento indígena.

Em muitos casos, a narrativa da crise tem sido usada para justificar a usurpação de terras ou a apropriação de recursos. Os argumentos de que as terras precisam ser usadas de forma mais eficiente, por exemplo, baseia-se na alegação de que os camponeses não podem cuidar da terra. Dessa forma, as corporações do



## Agroecologia Camponesa

### Harmonia com a Natureza

Observação e compreensão da relação e interações dos organismos entre si e com o meio ambiente.

### Ecologia Local e Biodiversidade

Coabitação com uma variedade de culturas com características diferentes. Sistemas radiculares diferentes que ligam a estrutura do solo e protegem contra a erosão do solo.

Exige uma irrigação intensiva.

**Diversidade:** Protege a biodiversidade e a resiliência dos ecossistemas. Agricultura de subsistência. Alta disponibilidade nutricional, soberania alimentar.

### Produção para a Comunidade Local

Pequena e media escala.

### Cuida do Solo

Adubos Orgânicos – cria vida no solo, nutrientes derivados de subprodutos agrícolas.

Controlo de pragas indígenas – preserva a vida do solo.

Mantem o solo para as gerações futuras.

### Soberania de Sementes

Direitos dos camponeses sobre as sementes.

Troca e salvamento de sementes.

### Baixo Custos de Insumos

Reciclagem doméstica/local de nutriente. Independência de produtos das corporações. Trabalho intensivo – exige contacto próximo com a terra. Energia eficiente.

### Mercados Locais

Concentra-se na produção de alimentos culturalmente apropriados. Depende de fortes redes de mercado locais e encurta a distância entre produtores e consumidores, reduzindo as milhas de alimentos.



## Agricultura Industrial

### **Dominação da Natureza**

Intensa exploração de recursos naturais para lucro corporativo.

### **Monoculturas**

Intensificação, concentração de uma única cultura. Alto risco de pragas. Erosão do solo.

Exige irrigação intensiva.

**Uniformidade:** Perda de agrobiodiversidade e destruição de ecossistemas. Agricultura orientada para o mercado. Redução da disponibilidade nutricional, alto risco de desnutrição.

### **Cadeias Globais de Fornecimento**

Grande escala.

### **Explorando o Solo**

Fertilizantes químicos – destroem a capacidade do solo de conter nutrientes. Pesticidas tóxicos – Mata micro-organismos benéficas e insectos também. Nocivo para a saúde humana.

Alto risco de inundação, erosão do solo e deslizamento de terra.

Degrada o solo, compromete as futuras gerações.

### **Dependência de Sementes**

Sementes de propriedade do grande agronegócio.

Leis que criminalizam as práticas camponesas.

### **Altos Custos de Insumos**

Corporações fazendo lucros.

Energia intensiva – camponeses deslocados. Exige uso intensivo de energia de combustível fóssil.

### **Mercados Internacionais**

Concentra-se na produção de produtos alimentares

Tem como objetivo a comercialização em grande escala nos mercados internacionais. Redes de distribuição de longa distância (altas emissões de GEE).

agronegócio disputam e usurpam os espaços rurais dos camponeses transformando os ambientes locais em grandes plantações para exportação, transformando a Mãe Terra e sugando os recursos naturais locais das mãos das comunidades para os bolsos das elites corporativas globais. O primeiro passo na luta pela Justiça Climática é combater essas narrativas falsas. As pessoas e a natureza devem estar no centro do sistema alimentar.

#### *Quadro 4: Usurpação de terras: Desertos Verdes em Moçambique*

*Aqui discutimos como a produção de eucalipto como cultura de rendimento induz a usurpação de terras. Mas a cultura em si pode ser algodão, tabaco ou culturas usadas para agrocombustível, só para citar alguns. No final, trata-se de uma questão simples: a terra deve ser um espaço para se ter uma relação direta e íntima com a natureza, fornecer alimentos e assegurar meios de subsistência para muitos camponeses? Ou, alternativamente, deveria ser um recurso a ser explorado; uma fonte de dinheiro para uma pequena elite corporativa usando métodos de agricultura industrial? A resposta óbvia para a Agroecologia Camponesa e a Justiça Climática é a primeira.*

**Partindo de Chimoio, na província de Manica-Moçambique, é impossível escapar à vista de vastas plantações de eucaliptos alinhadas em fileiras cuidadosamente organizadas, como soldados bem disciplinados. Mais cedo, havíamos passado por uma plantação de abacates igualmente imponente, cercada e com guardas armados cuidando da entrada. Um membro da organização camponesa local UNAC pede para ver o eucalipto enquanto passamos<sup>15</sup>,**

<sup>15</sup> This narrative is drawn from joint research project between Afrika Kontakt, UNAC, ZIMSOFF and LVC SEAf.

**“Isso é o que eles chamam de Desertos Verdes”, diz ela.**

**O proprietário destas enormes plantações de eucaliptos é uma empresa do grupo português Portucel Soporcel, que recentemente mudou o nome para The Navigator Company. Na região, eles já são famosos por usurpação de terras. Como foi dito por um membro da organização camponesa 3 De Fevereiro, a empresa rotineiramente engana os camponeses a abrir mão de suas terras, oferecendo empregos na plantação como compensação por suas terras e até mesmo promessas de construção de escolas e hospitais. Uma vez feito o acordo essas promessas são descobrem que foram enganados e os camponeses se encontram sem terra e sem emprego. A empresa converte terras agrícolas vibrantes de que os camponeses dependem para sua alimentação e subsistência nesses Desertos Verdes, para ganhar dinheiro exportando papel para mercados estrangeiros. Muitas vezes nem sequer consultam os camponeses. Aproveitando-se do fato de que muitos camponeses na área não têm títulos de terras, eles vão diretamente para o estado, afirmam que a terra está degradada e que ninguém a está usando. Eles então pagam o estado por isso, adquirem o título de terra e expulsam os camponeses. Este é um exemplo típico de expropriação de terras.**

**As plantações servem a um propósito; para ganhar dinheiro para a elite corporativa. O papel é exportado para o mercado global, usando mais energia, emitindo mais gases de efeito estufa e, assim, exacerbando as mudanças climáticas. Além disso, as terras bio diversas são destruídas em prol das monoculturas, pois o solo é degradado e o ecossistema perde sua capacidade de capturar tanto CO2. Os camponeses agora encontram-se sem terra, sem sua herança e sem subsistência, aumentando o número de pessoas afetadas pela ganância corporativa. A luta pela Justiça Climática também é uma luta contra a expropriação de terras, um processo em que as terras agrícolas são roubadas dos camponeses para fazer dinheiro para a elite corporativa.**

### Leitura adicional:

*A Land Grab for Pulp* <https://bit.ly/2GQd7Sx>

*Newsletter Julho 2017* <https://bit.ly/2GQpmKT>

*Como Resistir as Empresas de plantacoes de arvores?*

<https://bit.ly/2EEyT66>

*The G8 and land grabs in Africa* <https://bit.ly/2GU09iW>

*The land grabbers of the Nacala Corridor* <https://bit.ly/24R2D8N>

*Um Hectare, Uma Chapa de Zinco* <https://bit.ly/2EH7mRm>

## Agroecologia camponesa alcança justiça climática

28

Camponeses de todo o mundo estão combatendo as mudanças climáticas e o sistema que as causa assumindo o controle de seu sistema alimentar. O movimento pela Agroecologia Camponesa e pela Soberania Alimentar confronta diretamente o poder que é construído em torno do controle corporativo sobre recursos como sementes, fertilizantes, terra e água. As pessoas deveriam estar no centro do sistema alimentar e não as corporações transnacionais. Ademais, conhecem a terra, inovam e compartilham seus conhecimentos uns com os outros. Elas são os camponeses que podem alimentar o mundo e esfriar o clima, acima de tudo, são consumidores que merecem alimentos saudáveis e nutritivos, culturalmente apropriados. Ao construir uma cultura em torno da comida que reconhece a importância do respeito por todas as pessoas e pelo planeta, a Agroecologia Camponesa é o primeiro e mais importante passo para alcançar a Justiça Climática.



Agroecologia camponesa libera produtores e consumidores de um sistema onde eles são obrigados a piorar a crise climática e também são despojados de suas ferramentas para lidar com isso. As práticas agrícolas da Revolução Verde forçam os produtores de alimentos a assumir grandes dívidas e a produzir alimentos para exportação de maneira prejudicial ao meio ambiente. Ao contestar esse extrativismo, as comunidades das bases lutam pela Justiça Climática.

As grandes corporações do agronegócio pressionam por uma agricultura intensiva em energia para o mercado global que não cuida do solo ou do meio ambiente local e não leva em conta o impacto sobre a Terra. Elas pressionam o uso de soluções falsas para as mudanças climáticas que buscam principalmente proteger o mercado e vender seus produtos, em vez de lutar contra as mudanças climáticas. Nessas investidas ignoram, suprimem e até destroem corpus de conhecimento local, que são de importância absoluta na luta pela justiça climática e contra as mudanças climáticas nessas linhas de frente onde as mudanças climáticas estão

ocorrendo. Portanto, é este conhecimento que deve ser encorajado e autorizado a florescer para combater as mudanças climáticas e não o conhecimento de especialistas distantes da Conferência das Partes (COP).

À medida que os efeitos das mudanças climáticas se tornam cada vez mais violentos, o agronegócio ainda defende a privatização e as plantações agrícolas de grande escala que são mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas como secas e enchentes. A Agroecologia Camponesa luta contra isso fazendo o oposto; Esta planta uma variedade de culturas que são apropriadas para o ambiente local e pede uma proteção feroz dos direitos tradicionais à terra. As grandes corporações agroindustriais estão tentando erradicar métodos de troca cooperativa e o modo de vida camponês para construir um sistema em que os agricultores dependam de produtos que são vendidos por essas empresas por meio de leis de patentes, que geralmente são acordadas pelos governos em acordos comerciais. A Agroecologia Camponesa incentiva essas práticas

30



tradicionais, como a troca de sementes e a conservação de energia e nutrientes na fazenda/machamba, que permitem aos agricultores experimentar culturas resistentes à seca e construir vida no solo.

A Agroecologia Camponesa exige que as políticas governamentais não inibam as práticas tradicionais de produção, e isso deve ser defendido. Isto é estar pela Justiça Climática. As decisões sobre como os ambientes locais são geridos e para quem devem ser feitas para mitigar a mudança climática e alimentar o mundo. A Agroecologia Camponesa é política, e é um modo de vida que deve ser defendido.

## A Agroecologia Camponesa é para todos

A Agroecologia Camponesa é inclusiva e está disponível para todos. Também dá voz aos que ficam mais vulneráveis e marginalizados ao contrário da agricultura industrializada que é para poucos. As mulheres desempenham um papel particularmente crítico no sistema alimentar global pois são, em grande medida, as principais produtoras de alimentos, tanto em número absoluto quanto como guardiões da biodiversidade e das sementes agrícolas<sup>16</sup>. Considerando os efeitos prejudiciais do nosso sistema alimentar na exacerbação das mudanças climáticas, a posição das mulheres e das meninas torna-se ainda mais vulnerável devido ao patriarcado composto que dita os papéis que devem cumprir ou aqueles em que preferem não participar. Elas são responsáveis pela maior parte das tarefas domésticas, que vão desde coletar água e lenha para uso doméstico, até garantir o bem-estar de crianças e idosos, os papéis de gênero socialmente construídos para as mulheres dependem muito das condições que a natureza oferece. A mudança climática altera os padrões de chuva e assim, os recursos hídricos se

<sup>16</sup> Nyéléni 2007: *Women's declaration on food sovereignty*  
<https://nyeleni.org/spip.php?article310>

tornam mais escassos e distantes, e as culturas precisam de mais subsídios de gestão para crescer. Isso força as mulheres (e crianças) a percorrerem longas distâncias para fornecer água e recursos suficientes para abastecer suas famílias, e aumenta a dificuldade para colher culturas ao longo do ano, especialmente porque elas não podem mais depender das estações tradicionais.

As mulheres são sistematicamente desfavorecidas pelo sistema actual que insiste em mantê-las invisíveis. As mulheres sofrem violências estruturais (econômicas, de emprego, ambientais, físicas, sexuais e psicológicas), enquanto o feminicídio também continuam aumentando<sup>17</sup>. O neoliberalismo e o patriarcado andam de mãos dadas e “intensificaram a opressão e a discriminação e aumentaram as situações em que a violência é perpetrada contra mulheres e meninas em áreas rurais, além de criar mais insegurança e instabilidade nas condições de trabalho das mulheres [...], em meio a um clima de violência que prejudica [sua] dignidade”<sup>18</sup>.

32

O sistema capitalista patriarcal tem imposto a agricultura industrial, onde as mulheres são as primeiras vítimas de sua opressão. No contexto africano, as mulheres muitas vezes não têm acesso seguro à terra e, portanto, não têm acesso a recursos e autodeterminação sobre seus meios de subsistência e corpos. Apesar do fato de que as mulheres são as principais contribuintes do trabalho e agregação de valor na produção e consumo de alimentos, elas são mantidas fora dos processos de tomada de decisão das políticas públicas para as finanças das famílias, e são dificilmente afetadas pela desnutrição. Na maioria das vezes são os homens que têm o poder de tomar decisões para as famílias, como, por exemplo, que culturas a cultivar, a vender e quais armazenar, e como usar a renda gerada. Além disso, a agricultura industrializada e os mercados globalizados também são co dependentes, e isso agrava ainda mais os problemas do patriarcado, das desigualdades e violência baseadas no gênero.

<sup>17</sup> LVC 2017. Declaration - V Women's Assembly.

<sup>18</sup> LVC 2014. Manifesto - IV Women's Assembly of La Via Campesina.



Embora a Agroecologia Camponesa não possa derrotar o patriarcado em si, trata de certas normas opressivas do patriarcado. Ele tem o potencial de mudar a vida de muitas mulheres, porque o papel fundamental que elas desempenham é reconhecido e refletido na prática. A tomada de decisão está sendo lentamente ampliada para incluir as mulheres transversalmente em diferentes movimentos e organizações. Por exemplo, nas decisões tomadas dentro de estruturas organizacionais (como LVC e organizações membros). Apesar disso, certas expressões-chave do patriarcado ainda persistem, especificamente papéis de gênero e tomada de decisão dentro do lar, que em muitas áreas permanecem firmemente entrincheirados. Isso muitas vezes depende do cenário cultural (tanto na comunidade como no nível do domicílio) em que a Agroecologia Camponesa é praticada, e até que ponto as comunidades e abordagens tomam as questões de gênero como um elemento central de suas visões, estratégias e metodologias de trabalho. Isso continua a ser um obstáculo para a Agroecologia Camponesa como um instrumento para desafiar e superar o patriarcado.

33

Outros aspectos do patriarcado também são mitigados até um certo ponto. As mulheres podem participar mais plenamente e se beneficiar dos maiores rendimentos e culturas diversificadas devido ao baixo custo de prática da Agroecologia Camponesa. Elas podem assumir o controle de seus sistemas alimentares e fornecer alimentos mais nutritivos para si e para suas famílias através do cultivo duma diversidade de culturas, construir ecossistemas resilientes e compartilhar conhecimento. A diminuição da dependência de mulheres em homens na Agroecologia Camponesa tem o potencial de alterar a dinâmica do poder, com as mulheres tomando o seu quinhão de responsabilidades e poder, em consonância com o peso do seu papel-chave. Embora a agricultura industrial tenha fracassado em grande parte em abordar os desafios emergentes que as mulheres enfrentam e a dinâmica de gênero, o uso da Agroecologia Camponesa mostra que ela pode fazê-lo. Mais uma vez, a Agroecologia Camponesa não é apenas um conjunto



34

de práticas: é um modo de vida. Um modo de vida que procura ser inclusivo e onde a autoridade não é dada aos homens simplesmente por serem homens. As mudanças climáticas são uma crise política, social e ecológica que só piorará se as vozes dos produtores camponeses (assim como dos consumidores), especialmente as mulheres, continuarem sendo silenciadas ou ignoradas. É por isso que a luta pela Justiça Climática anda de mãos dadas com o enfrentamento das relações de poder baseadas no gênero.

A migração de membros de família do sexo masculino para centros urbanos ou para países estrangeiros em busca de melhores condições de vida, aliado a morte, a prisão e a perseguição de líderes comunitários do sexo masculino, confrontam as mulheres rurais com uma realidade ainda mais vulnerável. Elas estão sobrecarregadas com as tarefas de fornecer alimentos para a sobrevivência de sua família, protegendo seus filhos - que estão cada vez mais expostos à

violência sexual, morte e desenraizamento - enquanto defendem seus territórios e seus próprios corpos de forças abusivas<sup>19</sup>.

Os jovens também são prejudicados pelo patriarcado. Na África subsaariana, por exemplo, os jovens sofrem migrações forçadas devido a guerras, mudanças climáticas e condições econômicas e sociais opressivas. A expropriação de terras pelo capital transnacional para investimentos industriais, produção de energia, extrativismo e “desenvolvimento” é comum. O trabalho da juventude e dos emigrantes é subestimado e brutalmente explorado<sup>20</sup>.

A mercantilização de terras e territórios e sua exploração por investimento especulativo e usurpação de terras também restringe a capacidade dos jovens de ter acesso à terra, especialmente as mulheres jovens. Ao mesmo tempo, as duras realidades e os baixos retornos da agricultura dificultam a prosperidade da juventude na terra. A situação é ainda mais agravada pelos impactos severos e diferenciados da mudança climática<sup>21</sup>.

35

A fim de erradicar o patriarcado e a discriminação onde quer que exista, os jovens também devem se comprometer com o difícil trabalho de autoavaliação e examinar as maneiras pelas quais eles podem perpetuar o patriarcado e o racismo<sup>22</sup>.

A agroecologia Camponesa é o caminho para a soberania alimentar e a solução para a crise global em múltiplas camadas. É uma visão política, um modo de vida e uma fonte de conhecimento proveniente de nossos ancestrais. Ela tornou-se num instrumento fundamental para reunir uma ampla gama de experiências de sucesso em todo o mundo. Por exemplo, a metodologia de campesino-para-campesino é um instrumento bem-sucedido e importante para compartilhar informações e fortalecer os processos de comunicação e treinamento.

<sup>19</sup> LVC 2017. Declaration - V Women's Assembly.

<sup>20</sup> <sup>21</sup> <sup>22</sup> VII International Conference: Youth Assembly Declaration

Essa metodologia respeita os conhecimentos tradicionais de territórios e povos, de tal forma que o conhecimento pode ser efetivamente trocado entre gerações<sup>23</sup>.

A juventude também representa uma ponte entre as populações urbanas e rurais. Embora aparentemente muito diferentes, algumas das discriminações estruturais que ambos os grupos enfrentam são o resultado das mesmas forças opressivas do poder capital e global. Os Jovens do mundo inteiro já estão se mobilizando em torno da agricultura urbana, retornando à terra, construindo a soberania alimentar comunitária ou trabalhando pela justiça social em qualquer capacidade<sup>24</sup>.

A agroecologia camponesa e a justiça climática são para todos.

## “A Terra é Nossa Mãe”

36

O sistema alimentar industrial é uma tentativa de dominar a vida na Terra para o enriquecimento e dominação de uma pequena elite. Aqueles que o controlam ignoram as inundações, as secas, os solos sem vida, os bilhões de pessoas famintas e os amplos sinais do colapso dos sistemas naturais que nos sustentam. Ele trabalha duro para esconder esse dano que causa e força os mais vulneráveis a suportar o fardo. O atual sistema alimentar / regime destrói a vida no solo, destrói florestas, campos, oceanos, rios e lagos, impulsiona e acelera as mudanças climáticas e subjuga os povos rurais a uma vida de servidão. É um modelo de morte, opressão e violência.

A agroecologia camponesa é um modelo de vida. Um modo de vida que reconhece que a Terra é nossa mãe. É construído coletivamente por pessoas e comunidades que ainda entendem a linguagem da natureza e são capazes de viver em harmonia com ela. Ele constrói

<sup>23</sup> <sup>24</sup> VII International Conference: Youth Assembly Declaration



e fortalece os ecossistemas que fornecem alimentos saudáveis, capturam carbono e estimulam a biodiversidade. Ademais, liberta as pessoas rurais que são forçadas a mudar seu modo de vida e destruir seu meio ambiente. Na agroecologia camponesa a terra é sagrada. A conexão dos povos à terra é sagrada. As sementes, o solo, a água, o ar não são recursos para serem vendidos com fins lucrativos, mas as fontes da vida na terra.

A mudança climática é uma terrível ameaça à existência humana. É um lembrete humilhante de que, por mais que algumas sociedades tentem se afastar do mundo natural, fazemos parte dele, sua força é muito mais poderosa. Para além disso, ele nos mostra a necessidade desesperada de transformação. A única maneira de o sistema alimentar reduzir as emissões e lidar com as mudanças climáticas actuais é uma transformação completa e total. E para isso devemos olhar para as comunidades camponesas, as mulheres rurais, aquelas que estão à margem da sociedade, que já vivem a alternativa.

38

Devemos olhar para aqueles que já vivem em harmonia com a natureza, seja qual for o custo. Para aqueles que constroem vida em seu sistema alimentar e comunidades, e têm o conhecimento para alimentar o mundo. Os povos do mundo exigem, e a verdadeira Justiça Climática nos dá um caminho para alcançá-la.

---

*Fotografado: Camillo Springborg & Jon Nelson  
Layout: Francesca Desmarais  
ícone: Christopher T. Howlett*



*África Austral e Oriental*

**A** **AFRIKA**  
KONTAKT